

# JAIME BONIFÁCIO

Não Morri Hoje, Talvez Amanhã, Quem Sabe Outro Dia

Um

Romance

de

Alex Napoli

## Livro Patrocinado Gratuito

COPYRIGHT 2003 ALEX NAPOLI  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
SCRIPTSURFER ENTERTAINMENT  
WWW.SCRIPTSURFER.COM

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

# CAPÍTULO 1

Numa avenida congestionada de São Paulo, no meio do trânsito engarrafado, um taxi-fusquinha tentava manobrar pra sair do enrosco mas não conseguia.

Dentro do taxi brega, Jaime Bonifácio, versão Boni Bossa Nova, quarentão, fino, terno Armani, seboso, feioso, semi-careca, glúteo e barriga semi-flácidos, olhava pro relógio pau da vida.

— Eu já ouvi falar em engarrafamento paulista, mais isso aqui está mais para enlatamento... — lamentou Boni.

O motorista tranquilino, raquítico, descascava uma laranja com o seu canivete nunca lavado:

— Fica frio dotô que nois chega.

Boni olhou pela janela do fusquinha. Tinha uma velhinha puxando um carrinho de feira.

— Olha aí. Vamos ser ultrapassados pela Dona Xepa... — lamentou novamente.

Ele tirou umas notas do bolso, jogou pro motorista e saiu do fusquinha:

— Vou para a faixa de alta velocidade.

Boni, orgulhoso, ultrapassou a velhinha. Ensaiou uma corridinha mas desistiu, cansado.

Um garoto paulista, tirava o cadeado de sua bicicleta quando Boni se aproximou.

— Quanto você quer pelo aparelho de transporte — perguntou Boni.

— O quê?

— Quanto pelo camêlo?

— Mil reais — pediu o garoto paulista.

— Eu te dou cem — ofereceu Boni.

— Mil.

— Duzentos.

— Mil — disse irredutível o garoto paulista.

Boni se impacientou:

— Quinhentos.

O garoto nem piscou:

— Mil.

Boni meteu a mão no bolso,  
contrariado:

— Você é duro em... negociante  
firme, perspicaz... Libanês ou  
Judeu? — perguntou e pagou.

— Paulista — disse o garoto.

Boni montou e saiu pedalando na  
bicicleta desajeitadamente.

Na entrada do terminal do  
aeroporto, ele abandonou a bicicleta  
e entrou correndo.

Boni se aproximou de um guichê  
congestionado da “Aeroaviões  
Aéreos”. Ele empurrou uma dona de  
casa, empurrou um velho, empurrou  
uma criança, empurrou um  
ceguinho, tentando furar fila:

— Com licença, por obséquio...  
Sai da frente... Por favor. Eu tenho  
que pegar o próximo avião para o

Rio de Janeiro. É caso de vida ou morte.

Todos protestaram. O ceguinho tentou acertar uma varada em Boni mas acertou o velho.

— Tenho transplante de rim marcado — insistiu Boni.

Todos ajudaram a empurrá-lo para trás.

— Estou aqui a quatro horas. Vai pro final da fila, malandro safado — protestou uma Dona de Casa.

— Tudo bem minha gente. Eu pago — disse Boni metendo a mão no bolso pra ver quanto tinha: algumas notas e um drops.

— Dois reais e uma balinha para cada um... Além da minha eterna gratidão — ofereceu Boni.

Choveram encima dele bolas de papel, copos de refrigerante,

garrafas plásticas de água,  
sanduíches etc.

Na entrada do aeroporto, o garoto paulista estava feliz por reaver sua bicicleta. Boni apareceu apressado:

— Ah ladrãozinho, subtraindo minha propriedade sem autorização? Quer comprar de volta? Mil reais.

— Dou cinquenta.

— Cinquenta?! Ficou maluco.

Eu paguei mil. Vendo por novecentos. Você vai lucrar cem.

— Dou cinquenta.

— Nesta eu não caio mais.

Oitocentos, é pegar ou largar.

— Dou cinquenta — repetiu o garoto paulista.

— O preço agora é mil. Subiu.

— Passo. Só dou cinquenta.

— Também passo — concluiu

Boni.



— Dou cem — contrapropôs o garoto paulista.

— Aha! Te peguei. Mas não estou mais interessado. Tive uma idéia melhor.

Boni agarrou a bicicleta e saiu pedalando tresloucado.

Adiante, embalado, Boni tentou usar um aclave de grama como rampa para pular, mas acabou entrando direto na cerca do aeroporto.

Ele jogou a bicicleta por cima e depois escalou a cerca.

Na pista do aeroporto, abordo de sua bicicleta, Boni se aproximou de uma aeronave:

— Esta indo para o Rio de Janeiro? — perguntou Boni ao piloto.

— Ficou maluco?! Sai da pista seu imbecil!

— Meu amigo, vai pro Rio ou não vai?

— Tô indo pra Belém. Pro Rio é aquele lá na pista.

Boni pedalou por debaixo do avião e atravessou a todo vapor um gramado em direção a uma outra aeronave na pista central.

A aeronave acelerou para decolar. Boni entrou na pista, emparelhou com o avião e se agarrou no trem de pouso.

O avião decolou. A bicicleta se desgrudou e Boni se agarrou como pode. Um celular tocou. Agarrado ao trem de pouso, Boni sacou o celular do bolso:

— Atrasado? Que isso. Embarquei sem problemas. Primeira classe, com varanda — disse Boni tranquilamente no celular.

# O Avião se distanciou no horizonte.

## CAPÍTULO 2

Uma música bossa nova que vira samba com o refrão "não morri hoje, talvez amanhã, quem sabe outro dia" embalava imagens de lindas mulheres perseguidas por um macaco armado montado num jegue e do Boni de costas. Ele se virou apontando um 38, tirou munição do bolso, tentando colocar no tambor vazio, mas uma bala escorregou.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

Boni dominou a bala com o pé fazendo embaixadinhas. Ele chutou a bala, nocauteou o macaco e se abraçou as mulheres.

Uma sacudida do avião acordou Boni que estava cochilando no meio das malas. Ele olhou pro relógio e passou a mão na barriga.

Na área de passageiros, as aeromoças serviam lanches.

Uma garotinha sentada na última fila observou um alçapão se abrir no chão atrás dela. A cabeça do Boni de boca cheia apareceu:

— Pergunta para a aeromoça se tem catchup.

O avião passou pelo Cristo redentor, sobrevoando a cidade do Rio de Janeiro.

O trem de pouso abaixou. Boni apareceu, bebendo uma latinha de refrigerante de canudinho.

Ele estava sendo observado do ponto de vista de um binóculo.

Boni arrotou e abriu um pacotinho de amendoim.

Na torre do aeroporto, um funcionário surpreso segurando binóculos observava o avião pousar.

— Tem um maluco dipindurado no trem de pouso. Chama a polícia.

O avião pousou e taxiou pela pista com Boni tranquilamente sentado no trem de pouso. Um carro da polícia emparelhou. Boni acenou.

Mais tarde no posto policial do aeroporto, um policial alto e um policial baixo observavam Boni falar, comovidos.

— Ela me traiu com meu chefe e com o meu melhor amigo. Eu tenho tomado doze dupla de viagra. Mas o médico disse que é sequela da gonorréia que eu tive quando eu

servia o exército. Peguei de uma prostituta boliviana, na fronteira do Acre. A vida pra mim não tem mais sentido. Mas não vou me matar. Decidi no avião que vou virar Padre. Deus há de me devolver o gosto pela vida.

Momentos depois, Boni cabisbaixo se despediu dos policiais comovidos.

— Deus abençoe vocês, irmãos...  
Mulher nunca mais.

Boni desceu as escadas rolantes do aeroporto. Ele digitou um número no celular.

— Agente 13 pousou no ninho.  
Agente 13 pousou no ninho...  
Padaria? Desculpe foi engano.

Boni digitou novamente. Uma aeromoça loira, belíssima, passou por Boni, que deu meia volta.

— Você é Australiana?

— Não... Porquê?

— Nunca vi uma mulher tão...

"Apetitosa." Te ofende se eu usar o termo "apetitosa"? "Gostosa" é vulgar, não me agrada.

— Me ofende. E o que isso tem a ver com eu ser Australiana?

— É que eu nunca fui lá. Pensei. Bonita assim só na Austrália.

— Sou de Santa Catarina. E não estou afim de conversa.

— Nem eu... Posso te seguir a distância?

Boni deu de cara com os dois policiais que o interrogaram antes.

— E aí "padre"? Pulando a cerca?

— perguntou o policial alto.

— Ele tem gonorréia. E é casado

— disse o policial baixo.

— Esta é minha prima — explicou Boni.



— Não conheço — disse a aeromoça loira que seguiu em frente.

Os policiais conferiram sua aerodinâmica. Boni aproveitou e saiu correndo na direção oposta. Os policiais deram perseguição.

— Eu falei que era traficante — disse o policial alto.

— Deixa que ele é meu — disse o policial baixo.

Boni passou por uma faxineira banguela e derrubou seu balde de água.

Os dois policiais escorregaram e se esborracharam numa banca de jornais.

Boni virou uma esquina e correu para o banheiro.

Dentro do banheiro, Boni começou a tirar a camisa e a desabotoar a calça.

No saguão do aeroporto o policial alto olhava para todos os lados.

O policial baixo se encaminhou para o banheiro desconfiado.

A porta do banheiro se abriu e saiu Jaime Bonifácio, versão Jaiminho do Samba, bigode esperto, gingado, chinelo havaiana, camisa desbotada aberta, calção de futebol, barriguinha de cerveja.

— Tem mais alguém lá dentro? perguntou o policial baixo.

— Tem. O meu cocô — disse Jaiminho de passagem.

O policial desistiu de entrar e observou meio desconfiado Jaiminho dar uma cusparada num vaso de plantas.

— Êta porquinho... — disse enojado o policial baixo

O policial alto se aproximou desistindo:

— O cara já era. Vamos rangar.

Turisistem - Desenvolvimento Turístico e Imobiliário

[www.turisistem.com](http://www.turisistem.com)

Globolsa - Bolsa Direta Global

[www.globolsa.com](http://www.globolsa.com)

## CAPÍTULO 3

Fora do Aeroporto, Jaiminho, esperto e serelepe, andava no meio do trânsito em movimento. Ele se agarrou na porta de um ônibus lotado.

O ônibus acelerou por uma avenida com Jaiminho tranquilamente acoplado e palitando os dentes.

Num sinal ele desceu e limpou o para-brisa de uma madame enxuta com cuspe.

— Um trocadinho pra pegá uma condução? — pediu Jaiminho.

— Porque você não acha um trabalho descente?

— Com Aids fica difícil, madame. Posso trabalhá pra senhora?

Jaiminho recebeu uma moeda da enojada e penficada madame que em seguida fechou o vidro.

Jaiminho recebeu uma chamada no seu celular:

— Alô? Sou eu. Tô na área. Tem rango aí? Filé com fritas ou feijoada? Os dois. Doze dupla... Fica frio que eu tô chegando.

A madame ficou indignada:

— Onde já se viu mendigo de celular? Quero meu dinheiro de volta.

— Não sô mendigo e o que você me deu não dá nem prum chiclete. Vou precisá do seu carro. Sou agente federal. Dá licença.

Jaiminho entrou no carro e empurrou a madame para o banco de passageiros. Ela obedeceu assustada.

— Ai meu Deus... Sequestro não. Eu não mereço...

— Calma. Sou da lei. Tô com pressa. Posso te pagar com meu corpo. Interessada? Você é bem enxuta.

— Ai meu Deus... Estupro não. Eu não mereço...

Jaiminho varou um sinal e passou pela calçada por dentro de um parque.

Ele foi seguido por um carro da polícia de tocaia.

— Ai meu Deus... Não quero morrer... Eu não mereço... — lamentou a madame enxuta.

— Ninguém vai morrer. A não ser se a polícia começá a atirar.

— Você não disse que era da lei? Não quero morrer. Eu não mereço...

— Sou federal. Essa turma é estadual. Não tenho saco e tempo pra explicá. Vamô que vamô.

— Não quero morrer. Eu não mereço... Eu não mereço.

Jaiminho para o carro e empurra ela para fora:

— Eu que não mereço.

Jaiminho pisou fundo. A polícia se aproximava sirenando e piscando tresloucadamente.

O carro de Jaiminho entrou num beco atrás de um buteco.

O carro da polícia entrou no beco logo depois e parou.

Um policial pasmo desceu do carro mas não encontrou nenhum sinal do veículo perseguido.

Enquanto isso, Jaiminho aguardava impaciente, dentro do carro, a descida do lento e barulhento elevador do QG.

## CAPÍTULO 4

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)



A porta do elevador se abriu e Jaiminho saiu do carro e do elevador.

No hall de entrada do QG ele jogou a chave para o Zé Boy, um jovem hip hop serelepe suburbano:

— Devolve pra rua. Peguei emprestado.

— A jato — respondeu animado Zé Boy.

— Não fica circulando que a polícia tá na área.

— Vô devolvê um DVD pruma locadora.

— Ô auxiliar de auxílio. Eu falei pra não circulá. É DVD pornô?

— Romântico-erótico.

Zé Boy pegou a caixa do DVD e jogou para o Jaiminho.

— Deixa que eu devolvo — disse Jaiminho pondo o DVD na cintura: "Tem Piranha no Garimpo".

Ele passou por uma porta com uma placa: "Área Restrita: Somente Agentes."

No escritório do superintendente Alvarenga, o Superal, negro, gordo, cinquentão, cabelos grisalhos, bigodinho, jogava video-game.

Jaime Bonifácio, versão Boni, entrou sem bater.

— Não falei pra bater, cretino — disse Superal irritado.

Boni bateu na porta.

— Antes de entrar — emendou Superal.

— Fico te devendo, Superal. Estou atendendo o seu chamado urgente,

economizei tempo no protocolo de entrada.

— Protocolo-de-entrada é a mãe...  
Você tá atrasado pra cacete. Mas vamos ao que interessa.

Superal consultou um dicionário e pegou um telefone:

— Istivi, bituim.

— Que língua é essa? —  
perguntou Boni.

— Inglês, ignorante. Vai lá dentro e manda o gringo entrar.

— "Bituim?" O certo é "come in".  
Que não tem nada a ver com comer.  
aliás... Você está precisando  
manerar no churrasco. Está obeso.

Uma porta se abriu e Steve  
Mcgrey, alto, trintão, louro, corte  
impecável, esbelto, sério,  
profissionalíssimo, entrou, seguido  
do Zé Boy.

— Bunda tarde — disse Steve com sotaque americano. Zé Boy riu.

— Ô Zé vai ver televisão. E nada de DVD que o sofá já tá todo manchado — disse Superal.

— Deve ter sido o Boni — acusou Zé Boy.

Boni se aproximou de Steve, tentando mostrar confiança:

— Boni, Jaime Bonifácio.

"Frendis col mi" Boni.

Eles se cumprimentaram.

— Steve Mcgrey. Colegos chama me of Steve.

— "Big Mac." Vai ser seu apelido in Brazil. "Comu du yu du?" "Laiqui Rio?"

— Fala em Brasileiro, cacete — protestou Superal.

— Tenha curto "time", tempa...  
Vamas falar "of business." — disse Steve.

— O Steve é agente do FBI. Ele está atrás de uns traficantes colombianos que parecem tão infiltrados por aí em alguma favela, em alguma boca de fumo, boca de pó ou sei lá o que tão vendendo por aí agora. Boni você vai se infiltrar com ele no morro do Bugui-Ugui ou no Vai-Quem-Qué — explicou Superal.

— Que isso... É mais fácil infiltrar um elefante num congresso de ratos de esgoto — disse Boni.

— Você não parecer "favelada" — observou Steve.

— Amigão Big Mac. Deixe os infiltramentos e vazamentos comigo. Você vai ser você mesmo: turista.

Eu tou de Boni Bossa Nova mas vou de Jaiminho do Samba. Aguarde um momentito.

— Boa Boni. Você vai de guia e ele de turista de favela — disse Superal enquanto Boni saia da sala.

Steve impaciente olhou paro o relógio.

— Não sei como tem gringo que quer ver favela. Haja falta do que fazer — observou Superal.

— Brazil bunda de samba, bunda de soccer, but spionage not mui bueno — disse Steve.

— Não tem essa de "bunda". O Zé boy tava gozando sua cara. É "bom" ou "boa." Bunda é isso — disse Superal apontando para sua bunda.

— Kiss my ass? You kiss my ass. Beijo meu "ass", você.

— "Dedi noti" entender.

Jaiminho do samba reapareceu, sorridente e jogando uma capoeira para cima do Steve, que a princípio não o reconheceu.

— E aí Bigui Mequi. Pronto pro tur. Fica tranquilo que não vai precisá de colete a prova de bala.

— Good job... Bunda trabalho — elogiou Steve.

— Onde você está hospedado? — perguntou Jaiminho.

— Hotel Carnaval. Eu deve estar lá as 18:15 horas para receber um mensagem de instructions. We não ser como Brazilians. Pontualidade é important.

— Hotel carnaval? Nunca ouvi falá. "Letis chequirauti" — disse Jaiminho intrigado.

# CAPÍTULO 5

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)



Horas depois, Jaiminho e Steve olhavam para um prédio de apartamentos na zona sul, onde ficava o ex-Hotel Carnaval.

— Oh my god... Where is the sign? Onde está a placa? — perguntou Steve.

— Tem certeza que é aqui? — disse Jaiminho.

— Yes, yes. Meu mala está no quarto.

Jaiminho e Steve entraram no prédio. Um porteiro barrigudinho balançou a cabeça:

— O 202 é o apartamento da Dona Vânia. Ela está viajando.

— Meu mala estar lá — protestou Steve.

— Como tu entrô? — perguntou o porteiro, preocupado.

— El Bell Boy ter la chave.

— Deram um golpe aí no meu amigo Big Mac — explicou Jaiminho.

— Let's subir — disse Steve.

— Subir nada. Tá loco. Se a Dona Vânia subé qui alguém entrô lá eu tô ferrado.

— Eu querer meu mala — demandou Steve.

— Oh gringo, vamô saindo que se não eu chamô a polícia — disse irritado o porteiro barrigudinho, que enxotou os dois.

— Calma aí bujãozinho — protestou Jaiminho.

— Bujãozinho é tua mãe!

Em frente ao ex-hotel carnaval,  
Steve encarou um lavador de carro:

— El Bell Boy — disse Steve para  
o Jaiminho.

— Safadinho vigarista...

— É meu sobrinho — disse o  
porteiro.

O lavador de carro tentou fugir  
mas Steve o alcançou e deu uma  
chave de braço no moleque:

— Meu mala. Where is meu  
mala?!

— Já era. Sumiu. Vendi. Gastei —  
disse o lavador de carro

— Tira a mão dele! — tentou  
intervir o tio porteiro barrigudinho.

Jaiminho passou um rodo no  
porteiro e pegou o moleque pela  
orelha.

— Qué dizê que cês tão pegando  
turista e trazendo pro "hotel

carnaval." Cumé qui eu nunca pensei nisso...

— Foi idéia do meu primo Digão. Ele é motorista de taxi. O meu tio não tem nada a ver. Ele não sabe que eu pego as chaves.

— Me dá o número do celular dele se não quisé ir pra febem.

Logo depois, Jaiminho e Steve esperavam numa esquina. Um taxi encostou. Os dois entraram.

Dentro do taxi, Digão, moreno jambo patolão, deu uma olhada para os novos clientes enquanto dirigia:

— E aí, pra onde?

— Pro morro do Vai-quem-qué — disse Jaiminho.

— Eu não vou pra favela. Nem perto — esnobou Digão.

— Sô traficante. Você vai onde eu mandá. Esse é meu cliente. Me

informaram que foi você que roubou a mala dele. E não nega que não gosto de mentiroso — ameaçou Jaiminho mafiosamente.

— Eu quero meu mala — endureceu Steve.

— ...A mala já era... Vendi... Mas tô com os dólares... Quase tudo. Levo vocês pro morro. Sem problema. O que eu tiver em caixa é seu. Tá limpo? — perguntou Digão amendrontado, devolvendo o dinheiro para o Steve.

— Se eu te pegá de novo nessa de "Hotel Carnaval" com cliente meu você vai dirigí táxi pra alma de defunto — ameaçou Jaiminho.

— Entendi muito bem entendido — disse Digão aliviado.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

## CAPÍTULO 7

Jaiminho e Steve saíram do taxi, em frente ao morro do Vai-quem-qué. Digão pagou os dois com tudo que tinha.

— Muito obrigada. And have uma bunda dia.

O taxi arrancou e desapareceu. Garotos curiosos olhavam o Steve.

— Nunca virum turista. Cai fora — enxotou Jaiminho.

Os garotos seguiram Steve que seguiu Jaiminho morro acima.

Numa ruela estreita e inclinada, Jaiminho olhou para cima. Tinha dois "soldados" fortemente armados

com fuzis de guerra encarando:  
Fumanchu, patola, bigodinho,  
camisa havaiana aberta e Marreco,  
magrelo com a camisa do Botafogo.

Steve acenou:

— Bundas tardes, muchachos.

Os dois soldados mal encarados  
chegaram junto.

— O gringo tá fazendo um tur  
social... E também tá afim de uma  
erva — explicou Jaiminho.

— Aqui a gente só usa erva pra  
limpá a bunda — descobersou  
Fumanchu.

— Acho bom os dois tê grana pro  
pedágio — emendou Marreco.

— We have mucho dinero —  
disse Steve.

— Oh Steve. Closi ior mauti —  
disse Jaiminho.



Fumanchu apontou o fúzil semi-automático:

— 100 pau cada.

— E é dóla — emendou Marreco.

— Cem é poco. Mil pra cada. O amigo aqui tá montado na grana e qué falá com o Robinho — disse Jaiminho.

— Nunca ouvi falá — disse Marreco.

— Robinho cocada. Filho da Dona Ziza. Meu chapinha. Soltamô muita pipa junto — lembrou Jaiminho.

— Se ele não te conhecê, você vai virá churrasco de pneu — ameaçou Fumanchu.

Marreco sinalizou e subiu o morro. Fumanchu deixou os dois passarem.

— Churrasca. Mui bueno. De pneu nunca comer — disse Steve.

— É bom com óleo diesel e sal grosso — disse Jaiminho.

Fumanchu entrou no barraco do Robinho Cocada. Era luxuoso e cheio de computadores.

— Robinho, tem um amigo seu aí. Um tal de Jaiminho.

Robinho Cocada, magro, careca, cavanhaque, brinquinho, saiu da frente de um computador notebook:

— Nunca ouvi falá. Que que eu falei cretino?

— Ele conhece a sua mãe.

— Não põe a minha mãe no meio que eu ponho no meio da sua.

Jaiminho entrou no barraco, seguido por Steve.

— Mandei esperá lá fora seu merda — xingou Fumanchu.

— Fica frio — disse Jaiminho, tranquilo.

— Quem vai ficar frio é você seu cara de pau, corno, viado. Eu te conheço dá onde?! — perguntou Robinho.

— Qué que eu apague os dois? — perguntou Fumanchu.

— Negócio é o seguinte, Robinho, o gringo aqui é empresário do Michael Jackson. Ele me contratou pra acertar com você a filmagem do novo vídeo clipe do Rei. E é claro tem cinco mil dólares pra você garantir a segurança do set.

Robinho encarou Steve.

— Stivi, mai frendi teli mister Robi abauti de clipi ovi Maical Jequison — disse Jaiminho.

— ...Yeah, yes... Coffee and Milk. Great song.

— Cofi andi Milqui. Saquei. Café com leite. Legal. Sou fã do Maiqui.

Fumanchu vai buscar umas cervas  
— disse Robinho empolgado.

Fumanchu saiu do barraco.

— O empresário dele precisa dá  
uma geral pelo morro — explicou  
Jaiminho.

— Dez mil dólares e um CD  
autografado e nós tamos acertados.

— Ten, okay? — perguntou  
Jaiminho para o Steve.

— Ten. Sure.

Ramirez, cabeludo hispânico,  
barba por fazer, mal encarado,  
entrou:

— Que passa? Que mierdas son  
estes?

— Hombres de Maical Jequison...

Robinho cantarolou "beat it" de  
Michael Jackson:

— Birê, birê on jus ti biri lê... Para  
grabar una película.

Ramirez, encarou Jaiminho e Steve desconfiado. Eles também cantarolam:

— Birê, birê on jus ti biri lê —  
arriscou Jaiminho.

— Beat it, beat it don't you make me repeat it — emendou Steve enquanto Jaiminho fazia um "moon walk". Ramirez abriu um sorriso:

— Oh yeah... Laiki Maical pero laico mais Elvis. Onde estás Maical?

— Ele tá se encontrando com a Xuxa hoje, mas vem aqui amanhã — explicou Jaiminho.

Steve examinou o local:

— Tienes coca? Para eu... Querer dizer, para migo.

— Coca-cola? Em qualquer bar você encontra — disse Robinho.

— Ele tá falando do pó branco. Do rapé de yuppie, do...

— Eu sei o que ele falou, imbecil. Só faço negócio depois de checá muito bem com quem eu tô lidando — disse Robinho, cortando o Jaiminho.

— Quero ver Maical. Fazemos negócio com el príncipe, the prince. El king és Elvis.

Robinho sentou em frente ao notebook.

— Tô vendo que vocês tão na era da infococa — observou Jaiminho.

Steve deu uma espiada na tela do notebook. Robinho fechou o notebook já meio cabreiro.

— Cretino, já falei que coca é só no bar da esquina. Me mostra tua identidade. Os dois — mandou Robinho.

Ramirez encarou Steve  
desconfiado:

— Como és el nombre de la casa  
de Jackson in Los Angeles?

Robinho apontou uma arma para o  
Steve:

— Responde gringo. Se tu é  
empresário do Maical. Tu sabe.

Steve vacila. Robinho aponta para  
Jaiminho:

— Casa tem nome? Sei lá. O que o  
cú tem a ver com as calças?

— Neverlandi, mierdas,  
mentirosos. Onde el Príncipe tem  
macaquitos, una roda gigante...

— E uma lhama. Muito manero.  
Um dia vou ter uma casa igual —  
sonhou Robinho.

— A lhama foi presente do Steve,  
não foi?

— ...Si, si — arriscou Steve.

— Que cor é a lhama? Marron ou preta? — perguntou Robinho.

— Uno marron, otro preto. Eram duas, pero una morreu — explicou Steve.

Robinho pegou Steve pela orelha e colocou o trabuco na sua boca:

— É branca seu gringo de merda. Mentiroso safado, vai virar hamburger.

Jaiminho começou a cantar "Billie Jean" e dançar a "la Michael Jackson."

— Sou eu, minha gente. Maical Jequison. Mais desbotado, plástica nova.

Robinho se distraiu, Steve agarrou a arma com uma mão e com a outra jogou pepper-spray nos olhos dele.

Jaiminho empurrou Robinho pra cima do Ramirez, que se



esburrachou contra uma mesa. Ele derrubou um armário encima dos dois.

Steve agarrou o notebook do Robinho e com Jaiminho se mandaram pela porta.

Jaiminho e Steve desceram o morro Vai-quem-qué tresloucadamente.

Eles trombaram com o Fumanchu carregando um engradado de cervejas que se espatifaram no chão.

Robinho e Ramirez vieram no encalço:

— Mete chumbo neles! — gritou Robinho.

Fumanchu tentou se levantar mas escorregou na cerveja.

Jaiminho pegou uma bicicleta encostada. Steve montou na garuapa segurando o notebook do Robinho.

Eles despinguelaram morro abaixo sob uma rajada de tiros.

Jaiminho e Steve, a bordo da bicicleta, saltaram de uma ruela do morro para a rua asfaltada.

Um taxi os atropelou de raspão e eles se esburracham em frente ao carro.

Digão desceu do taxi:

— Eu devia ter matado... Sai da frente do meu carro seus favelados fudidos!

Jaiminho ajudou Steve e o seu inseparável notebook a se levantar.

Digão os reconheceu:

— Ô chefia... Tudo bem contigo. Tava só testando seu reflexo. Tá em forma em! Qué uma carona? Níteroi, Barra? Qualquer lugar. E é de graça, com direito a refrigerante e uns pasteuzinhos.

Momentos depois, dentro do taxi, Jaiminho e Steve tomavam um refrigerante e devoravam os pasteizinhos. Digão olhou pra trás:

— É isso aí! Pasteuzinho da sogra, muito gostoso. Se quisé um docinho ou um churrasquinho...

O taxi virou uma esquina. Muito atrás vinha um carro costurando o trânsito. Ramirez e Fumanchu, armados e pindurados na janela tentavam ver o trânsito em frente.

No taxi, Jaiminho comia docinhos, Steve devorava um churrasquinho. Digão olhou para trás:

— Tá gostoso, né? Que beleza. E comida baiana, vocês gostam?

O carro de Robinho e companhia se aproximou do taxi.

Jaiminho olhou para trás:

— Tamô sendo seguido.

— Polícia? — perguntou Digão.

— Robin Coucunut. Roubino

Coucada — explicou Steve.

— "O" Robinho Cocada. Vocês não são da quadrilha dele?

— Nós somô inimigo. Se ele pegá a gente você também vai dançá.

Digão, suou frio e acelerou mas empacou no trânsito lento.

Jaiminho viu uma corrente de aço com cadeado no chão do taxi.

Ele olhou pra trás, pegou a corrente e desceu:

— Deixa comigo.

Jaiminho, abaixado, andou pela rua sorrateiramente entre os carros.

Ele chegou no carro do Robinho por trás, entrou embaixo do carro e passou a corrente no eixo, se arrastou e passou a outra ponta no eixo de um ônibus lotação ao lado.

Jaiminho entrou no taxi, Digão estava mostrando fotos da sua família para o Steve:

— Esse é o Dagoberto, o meu pastor alemão.

— Você é casado com um pastor alemão? Bem que eu desconfiava — ironizou Jaiminho.

— É, a gente se juntô depois que ele se separou da sua mãe.

O trânsito começou a andar.

— Let's go. Move it. Andale muchacho — disse Steve.

— Isto aqui é o Brasil, não é o México — disse Digão.

— O Cocada tá vindo aí — avisou Jaiminho.

Digão pisou fundo, aproveitou uma brecha e mudou de faixa.

O carro do Robinho perseguiu o taxi, que virou a esquerda.

O ônibus seguiu em frente  
arrastando o carro.

Jaiminho deu tchauzinho pro  
Robinho, Ramirez e Fumanchu.

## CAPÍTULO 8

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

Em frente a praia de Ipanema,  
Jaiminho e Steve desceram do taxi.  
Digão fechou a porta.

— Deus lhe pague — disse  
Jaiminho pela janela.

— Vai a merda — xingou Digão.

O taxi queimou borracha e se  
distanciou.

Steve, ainda carregando o  
notebook do Robinho Cocada,  
apreciou a paisagem e as mulheres  
de biquini.

No seu quiosque, Jaiminho abriu  
um côco com um facão:

— Camon, Stivi. Côco uater.

— Oh, yeah. Estar com mui sede.

Um côco tocou. Steve estranhou.  
Jaiminho atendeu o côco-fone:

— Sou eu... Tamô na praia...

Vivinhos... Afanamos o notebook do  
Cocada... Deve ter muita info... O

Stivi está tomando uma água de côco e conferindo bundas...

Steve não tirava o olho de uma mulata de fio dental. Ela sorriu.

Steve deu chupadas ritimadas na água de côco.

Jaiminho abriu um côco com golpes ritimados de facão.

Um garoto replicou com um batuque numa garrafa.

Jaiminho devolveu, Steve acompanhou, o garoto incrementou o batuque.

Um guarda observou e acompanhou com palmas.

Um vendedor de limonada batucou no seu container.

Alguém gritou Brasil! O grito da torcida se agigantou: Brasil, Brasil!

A batucada e o grito de Brasil se de espalhou pela praia.

O trânsito parou.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)



Um carnaval rolou solto como se fosse a comemoração do penta.

Steve se empolgou agarrado a mulata.

Jaiminho acompanhava o grito de guerra e vendia côcos.

O côco-fone tocou. Jaiminho não escutou.

O garoto estranhou e pôs o côco no ouvido. Jaiminho tirou o côco dele e atendeu.

## CAPÍTULO 9

Steve seguiu Jaiminho pelas vielas da favela do Cantagalo.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

Jaiminho e Steve entram no barraco decorado com posterres de mulheres peladas:

— Dizi ar mai guels — explicou Jaiminho.

— Beautiful. Prefira as of carne and ossa.

— Eu também, mas nenhuma quis ficar dipindurada na minha parede o dia todo.

Jaiminho abriu a porta de um armário e entrou.

— Where are you going? — perguntou Steve.

— Falou mi. Camon muchacho. Steve entrou, meio cabreiro.

Jaiminho baixou um corrimão de segurança e apertou um botão.

O elevador entrou em queda livre, como uma montanha russa seguindo por um túnel.

No quarto de uma cobertura da Vieira Souto, a porta de um armário luxuoso se abriu, Jaiminho e Steve apareceram de cabeça para baixo.

— Que merdo foi isto? Porque estamos de cabeça pra baixa?

Jaiminho soltou o corrimão e os dois despecaram no chão.

— Puta merdo! What the hell are you doing?! — protestou novamente Steve.

— Tá tudo em cima. Relaxa. Vê no banheiro. Fica à vontade — disse Jaiminho entrando no banheiro.

Steve se levantou todo dolorido e foi lentamente até a sacada onde admirou a vista da praia de Ipanema.

Enquanto isso, no banheiro, Boni tomava banho cantarolando "Eu não sou cachorro não".

Na sacada, Steve estava de olho na Vanda, uma jovem mulata,

gostosíssima, que vinha rebolando, carregando compras de supermercado. Ela entrou no mesmo prédio.

No banheiro, Boni passou gumex no cabelo, testou seu charme no espelho e penteou a sombrancelha.

Steve estava dando uma olhada na foto emoldurada de Boni sorrindo abraçado a um cachorro quando Boni entrou na sala:

— Esse era o Percival. Ele foi atropelado por um caminhão de gás.

— I'm sorry. Sinto muita.

— ...O Perci era meu amigão... Se bem que muito peidorreiro... Mas vamos levantar este astral. Que tal a gente sair por aí em busca aleatória de fêmeas.

— Eu ver uma interesting girl, hoje. Mourena, goustosa, rebolanda entrando neste building.

— Agora? Deve ser a Vanda. Ela compra pão quentinho para a patroa. Minha vizinha. Dona Malu. Faz uns doces de abóbora terríveis. Porque você não vai lá e pergunta se ela não tem pra vender.

— Que vai eu fazer com doce of boubobora?

— A Vanda vai atender a porta.

— Oh... Vai eu mentir sobre interesse in doce of bouboubora...

— Sim... E eu vou ligar pra alguma top model, fingindo ser cineasta... A Gilvana Bicarelli. Eu cruzei com ela no saguão de um hotel uma vez.

Boni pegou o telefone.

## CAPÍTULO 10

Era noite quando Boni dirigia um carro de luxo e olhava no retrovisor enoxado, ao lado de Gilvana Bicarelli, top model loira de olhos azuis.

Steve e Vanda estavam no banco de trás comendo doce de abóbora, romanticamente colocando a colher na boca do outro.

— Incrível... têm gosto pra tudo. eu uso este doce como isca de barata — disse Boni.

— Delicious... — disse Steve sem tirar os olhos da Vanda.

— You... are... my pumpkin... — disse Vanda.

— No, you are my pumpkin. Meu docinha...

— Quando vai começar as filmagens? — perguntou Gilvana.

— Tudo depende do Antônio — respondeu Boni.

— Antonio Fagundes? — perguntou Vanda.



— Não, Antônio Banderas. Eu amo aquele homem... — disse Gilvana.

— Ele é casado. Eu sou solteiro. O mundo é dos solteiros — disse Boni.

— Eu quero casar. Com um homem carinhoso e bom de cama — disse Vanda.

— Eu ser bom de grama. Corta meu grama todas domingos — disse Steve.

— Eu só caso depois dos trinta — disse Gilvana.

— Eu também. Como já passei dos trinta mudei minha certidão de nascimento. Quero aproveitar a vida mais um pouco. Não há nada como nadar pelado na praia depois da meia noite. Que tal? — perguntou Boni.

— Tá louco. Pelada só na playboy ou na frente de um namorado firme — repeliu Gilvana.

— Eu era fotógrafo de nu artístico antes de virar cineasta — adicionou Boni.

— Sério? Alguém publicou suas fotos?

— Não comercializo as minhas fotos. Já me ofereceram muito dinheiro, mas esta é minha arte visceral, não dá pra vender — explicou orgulhoso Boni.

— Ai eu acho isso o máximo. Sempre quis ficar com a bunda voltada pra lua — disse Vanda.

— Eu sempre quis ser astronauta and go para lua. Tenho uma collection of pedras lunares — completou Steve.

— Tá um calor... a gente bem que podia dar uma caída... — concordou Gilvana.

Momentos mais tarde numa praia deserta e escura, Gilvana e Vanda correram nuas para água.

Boni tropeçou na sua calça e derrubou Steve já de cueca samba canção.

Uma trilha de roupas levava aos quatro nadando pelados no mar.

Gilvana montou de cavalinho em Boni e os dois foram atropelados por uma onda.

Vanda e Steve se beijaram calorosamente.

Boni levantou a cabeça para fora da água e viu um grupo de jovens roubando suas roupas, entrando no carro e se mandando.

— Stivi, mai frendi, você deixou a chave na ignição? Roubaram nossas roupas e o meu carro — disse Boni.

— Agora a gente tem que passar a noite aqui na água — disse Vanda, beijando Steve.

Gilvana saiu da água:

— E agora Boni? Como que a gente sai daqui.

— Pelados.

Momentos depois, os quatro peladões andavam no escuro da noite pela beira da avenida.

— Acho que estou vendo um táxi — disse Boni.

— Não é taxi... — corrigiu Vanda.

Numa viatura da polícia, um policial narigudo olhava boquiaberto as duas peladíssimas. Boni e Steve se esconderam atrás delas. Um

policial magrelo indignado  
encostou a viatura:

— Deve ser um suruba de clube de swing. Não aguento esta pouca vergonha.

— Eu aguento... Uma loira e uma mulata... Ai... Eu aguento... —  
sonhou o policial narigudo.

Os dois policiais desceram.

— Que pouca vergonha é essa? —  
ralhou o policial magrelo.

— Fomos assaltados — explicou  
Boni.

— Porque não chamaram a polícia e aguardaram no local? — disse o policial magrelo.

Vanda e Gilvana tentaram se esconder dos olhos do policial narigudo.

— Porque o "local" era na praia

e estamos atrás de um orelhão que funciona — respondeu Boni.

— Isto é uma absurda. Vocês ter que catch estos bandidas. Levar minha relógio, presente de meu avó — reclamou Steve.

— Não acredito. Pra mim vocês são de um desses clubes de swing. Uma pouca vergonha. Outro dia peguei quatro transando na praia — rebateu o policial magrelo.

— Que clube de swing, você é que tem muita pouca vergonha na sua cabeça — disse Gilvana.

— A sua mulher sabe que você tá desascando o salame no chuveiro todo dia? — provocou Vanda.

— Calma, garotas, deixa que eu resolvo isto — entrevistou Boni.

— Eu é que vou bater uma quando chegar em casa — disse o policial narigudo.

— Estão todos presos por atentado ao pudor e desacato a autoridade — comunicou o policial magrelo.

Boni, Gilvana, Vanda e Steve se espremeram pelados na viatura policial.

Vanda e Steve se olhavam apaixonados. Gilvana tentou se afastar de Boni.

Minutos depois na noite, numa rua deserta, o policial magrelo e o policial narigudo abriram a traseira da viatura.

Boni e Gilvana estavam se beijando. Vanda estava deitada em cima de Steve lambendo sua orelha.

— O que que eu falei — disse o policial magrelo.

— A gente devia entrá num desses clubes — sugeriu o policial narigudo.

Vanda olhou pros dois:

— Eu conheço um pra casais gays.

— Gay é o corno do seu pai e a vagabunda da sua mãe — xingou o policial magrelo, puxando a Vanda para fora com violência.

Steve voou pra cima do policial e o derrubou.

O policial narigudo titubeou, não sabendo se ajudava seu companheiro ou se olhava para Gilvana que desceu da viatura nudíssima e sexíssima. Gilvana olhou nos seus olhos e lascou-lhe um beijo na boca. Boni tirou sua arma:

— Os dois com as mãos pra cima.



Steve tirou a arma do policial magrelo:

— You are under arrest! Está presa.

— E podem tirar a roupa — acrescentou Vanda.

Minutos mais tarde daquela noite, espremidos na frente, Boni ligou o carro da polícia, Steve ligou a sirene, Gilvana desligou a sirene e Vanda deu tchauzinho para os policiais algemados numa árvore com as bundas reluzindo ao luar.

## CAPÍTULO 10

No dia seguinte, de volta a cobertura da Vieira Souto , Steve explorava o notebook do Robinho Cocada. Ele abriu um arquivo com um web site de venda de bonecas Garbie.

Longe dali, no barraco do Robinho Cocada, ele abriu um alçapão e desceu um túnel escuro.

Em um armazém cheio de bonecas Garbie, numa mesa, mulheres de sutiã e calcinha enchiam as bonecas de pó branco com um fúnil conectato as bundas das Garbies.

Fumanchu estava dando uma fungada na bunda de uma Garbie, quando Robinho entrou nervoso.

— Vamô minhas bonecas. Tenho

que entregá esta encomenda ontem.  
E ninguém roubando do meu pó —  
ameaçou Robinho.

Fumanchu escondeu a Garbie:

— Tudo em cima, chefinho.

— Tem alguma info daqueles  
filhos de uma égua? — perguntou  
Robinho.

— O Ramirez tá na investiga.

— Quero vê o presunto dos dois.

Enquanto isso na varanda da  
cobertura da Vieira Souto, Steve e  
Boni estavam relaxados de roupão  
numa mesa de café da manhã  
disputando uma fatia de presunto  
com o garfo.

— I'm the guest. Soy el convidada.

— Mais esta fatia de presunto é  
minha. Tá do jeito que eu gosto.  
Pega a próxima.

— Temos que achar el database de clients de Mr. Cocada.

— O cara vende Garbie's recheadas de coca pro mundo todo via Internet... Robinho Cocada, cyber-malandro do morro do Vai-quem-qué... Quem diria... Passa o requeijão.

Steve passou a geléia e continuou fussando no notebook do Robinho Cocada. O celular do Boni tocou e ele atendeu:

— Boni... Eu estou falando com você no telefone... Estamos progredindo... Rekeijon noti geli... não, estou falando com o Stivi... Não dá Superal... Não vou levar sanduíche de mortadela... Até chegar aí a mortadela vai ter um conjunto habitacional de bactérias... Tem um doce de abóbora se você quiser... Sete vidros está bom?

— Bingo! I got it. Estar com mano na massa, baby! World Garbie client database. Clients of Mr. Robino.

— Parece que o Stivi achou a lista de clientes VIP do Robinho Cocada... Depois te ligo — disse Boni no celular.

Na portaria do prédio, Ramirez e Fumanchu colocaram suas armas na cabeça do porteiro que gaguejou no interfone:

— E-eles são... da-da po-polícia ci-civil...

Minutos depois na cobertura, quando Boni começou a abrir a porta, Ramirez e Fumanchu chutaram a porta e já caíram de tapa em cima dele.

— Cadê aquele gringo corno? — perguntou Fumanchu.

Ramirez foi a procura de Steve.

— E agora seu merda. Tu vai morrer — completou Fumanchu.

— Calma que eu estou com os diamantes — disse Boni.

— Diamante... Me mostra. Se fô conversa, vai morrê na faca, bem divagarinho.

Ramirez voltou trazendo o Steve na mira do revolver.

— Steve, ueri isi di diamonds? — perguntou Boni.

— Diamonds? Yes.

— Ele disse que tem uns diamantes — explicou Fumanchu.

— Diamonds el carajo! É conversa destes penderros! Matá-los hombre — disse Ramirez apontando um revolver para a cabeça de Steve.

— Ai caramba, muchacho! Que tienes a perder? Temos vinte milhones em pedritas preciosas.

Ramirez vacilou.

— Cadê? — perguntou Fumanchu.

— Com esta grana vocês podem  
abrir a sua própria filial  
internacional de distribuição de  
alucinógenos — aconselhou Boni.

— Traga las piedras hombre —  
disse Ramirez apontando o revólver  
para Boni.

— Antes vamos negociar — disse  
Boni antes de Ramirez colocar o  
revólver na sua boca.

— Eu ter las pedras. No meu mala.  
No bedroom — disse Steve.

Ele saiu acompanhado pelo  
Fumanchu enquanto Boni se sentou  
sob a mira do Ramirez.

— Cinco minutitos, e este cabron  
vai comer chumbo — disse Ramirez  
para o Fumanchu.

Ramirez esperou. Steve voltou sem o Fumanchu.

— E Fumanchu? — perguntou Ramirez.

— Fugiu com las pedras.

Ramirez se irritou. Boni pregou um soco no seu saco. Steve tirou a arma de Ramirez que agonizou no chão:

— Gudi jobi. "Bunda trabalho" — elogiou Boni.

Steve foi até o quarto e voltou puxando o Fumanchu pela orelha atordoado e algemado.

— My jiu-jitsu, mui buena — disse Steve.

Momentos depois, em frente ao prédio da Vieira Souto, Ramirez e Fumanchu, algemados, foram escoltados por policiais até uma viatura.



Na varanda da cobertura, Boni e Steve observavam:

— There's something I want to show you. Mostrar una cossa in computer — disse Steve.

— Depois disso, espero que seja fotos de mulheres nuas.

Boni seguiu Steve até o quarto. Steve ligou o notebook do Robinho Cocada. Boni deitou na cama:

— Estou exaurido.

— Take a look. Olha esto.

Com preguiça Boni se arrastou até a tela:

— O que é isso?

— Lista of compradoras V.I.P. High class clientes of Garbies.

Boni olhou a lista:

— ...Este é o.... Conheço... Esse é um político... Artista... Não acredito... Este joga no Flamengo...

— Que tal esta.

— Eu?! Nunca cherei a bunda de nenhuma Garbie! — protestou Boni.

— E olha aqui, estas son my parents. Meus pais.

— Quem diria. Você não parece filho de viciado — observou Boni.

— E você não parecer viciado.

— Mas eu não sou.

— Minhas pais tambien non.

— E este não é seu presidente?

— Si. Temos que destroy isto. Capiche? Destropir.

— Destruir... Espera aí... Agora estou entendendo sua missão...

— Non have nothing to entender.

— Não percebeu. Encomendaram Garbies no meu nome e no nome dos seu pais. Porque? Para nós pensarmos que a lista é falsa. Mas

seu presidente é de fato um  
cheirador de coca.

— Bullshit. Caca de vaco.

— Raciocine, my frendi.

Elections. Seu presidente descobriu  
que Robinho Cocada sabe quem são  
seus clientes, quem anda cheirando a  
bunda das Garbies. E ele é o maior  
defensor da moral, dos bons  
costumes e declarou guerra ao  
narcotráfico...

— Exatamente. Robino Cocada  
quer cremar my presidente.

— Incriminar... Cremar é encher  
de creme... Ou torrar defunto...  
Pode ser... ou pode não ser. Só  
existe um jeito de descobrir.

— This job is over. Finito.  
Trabalha acabada. Entender me?

# CAPÍTULO 11

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

Era um dia quente e ensolarado em frente ao consulado americano. Jaiminho do Samba estava numa longa fila para pegar visto de viagem. Um bacana olhou para ele esnobando:

— Sabe qual a chance de um favelado igual você conseguir um visto?

— Eu só tô disfarçado de favelado pra eles não pensarem que eu sou um favelado disfarçado de bacana que nem você.

O bacana pensou e não soube se entendeu.

O mariner, montando guarda em frente a porta do consulado, fez sinal para o Jaiminho entrar.

Dentro do consulado americano, Jaiminho se sentou em frente a um

entrevistador americano  
boqueaberto e enojado com o "pé de  
chinelo querendo visto."

— Rauí du iu du, mister. Gudi  
moringuis — caprichou Jaiminho.

— Fale em português. Qual é  
o motivo da sua viagem? —  
instruiu o entrevistador.

— Vou para um congresso de  
filme pornô em Las Vegas.

— Você tem um emprego fixo?  
Posso ver um comprovante de renda.

— Comprovante do quê? Sô  
camelô? ... E vendo tóchico.

— Vende o quê? ... Não importa.  
o seu visto está negado.

— Ok. Gudi. Vou pra paris,  
então... Mas antes quero falar com o  
cônsul.

— E eu quero ganhar na loto.  
Você pode ir agora.

— Falá pro cõsul que tenho info sobre uma rota de tráfico de drogas pra terra do Tio Sam. Troco por um visto — propõs Jaiminho.

— Você pode procurar a polícia local.

— Polícia? Tá loco. Têm polícia na jogada. Falá pro consú que tô falando de uma rota de dez toneladas de pó por ano.

— ...Posso te encaminhar para um agente do FBI...

— Só falo com o cõsul. Tô arriscando a minha vida. Tenho que sair do Brasil.

O entrevistador pegou o telefone.

Momentos depois no escritório do cõsul Jaiminho tentava se explicar:

— Risi neimi isi Roubino  
Couquinuti.

— Fale português, pour favour —  
pediu o cônsul com seu sotaque  
carregado.

— É o Robinho Cocada do morro  
do Vai-quem-qué. Ele exporta o pó  
em bonecas Garbie. Ele têm uma  
lista de clientes. Quero um visto,  
asilo político, green card e o  
escambau.

— Você passa estas informações  
para o agente do FBI na sala ao lado  
e veremos o que podemos fazer por  
você. Agora se me dá licença tenho  
uma agenda cheia.

— Claro vossa excelentíssima.  
Tá limpo. E se você quiser posso  
lavar o seu carro depois.

— Não é necessário. Obrigada.

Na saída do consulado, Jaiminho  
bateu continência para o fuzileiro  
naval americano de guarda e tirou  
um celular do bolso:



— Plantei o carrapato. Agora é só  
escutá.

## CAPÍTULO 12

No barraco do Robinho, ele falava tranquilamente ao celular enquanto uma manicure trabalhava nas suas unhas do pé:

— Pô meu, não tem essa de lista. Sô discreto. Meus clientes são antônimos... Isso a-nô-ni-mos. Quantas Garbie você qué? As garotas de programa são por conta da casa.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

No escritório do Cônsul, ele estava pendurado no telefone:

— Querou una mulata e uma morena-jamba... jambo? E duas garbies...

Enquanto isso no QG, Superal, Boni e Steve escutam um transmissor em cima de uma mesa:

— E mais duas para viagem... Sim vou para Washington semana que vem... É para um primo em segundo grau... Terceiro grau — disse o Cônsul no transmissor.

— Claro... positivo... eu nem quero saber quem compra meu bagulho... — respondeu Robinho.

Boni olhou sarcástico para Steve:

— Eu falei... I toudi iu...

— Non quier disser nada.

— Como não? O teu cônsul é um cheirador de pó. Que ferrada —

vibrou Superal.

— Mas non mi presidente —  
lembrou Steve.

— Você põe a mão no fogo por  
ele? — perguntou Boni.

—...Yes... Quiero dizer... No.  
Somos todas inocentes until provo  
no contrária. Põe lo mano no fuego,  
para seu presidente?

— Claro que não — disseram  
Boni e Superal juntos.

— Nem o dedo mindinho... Por  
ninguém... Nem por mim —  
acrescentou Superal.

— Aí também não. Por mim eu  
ponho até o meu bilau no fogo —  
discordou Boni.

— Então ele já deve estar  
chamuscado — ironizou Superal.

— Let's cut the bullshit. Que  
vamos du?

— "Quevamasdu"? Esta nem eu entendi — disse Superal.

— Vamos desmascará-los. Não tenho nada contra nem a favor do consumo de entorpecentes legais ou ilegais, embora seja contra. Existem muitas outras opções psico-saudáveis como sexo, bossa nova, samba e futebol. O problema é a hipocrisia... e me fazer de palhaço. Também não gosto do seu Mister President. Muito ruim de serviço — explicou Boni.

— E seu presidentita és bueno?

— Não — responderam Boni e Superal em coro.

— Mas ele é assumido. Sabe que é ruim. E faz o que os outros mandam.

— Aqui o presidente tem que fingir que não é bunda mole

para ser eleito. Mas tem que ser bunda mole para governar — disse Boni.

— Profundo... — refletiu Superal.

— Não entender nada. Mas no minha país, presidenta non puede usar drugs nem fazer sex com outra mulher, a non ser que seja estrela de cinema. Wisky yes, coca no. Mulher feia no, gostosa yes. Complicated.

— Que vamos fazer, Boni? Dá uma idéia — pediu Superal.

— Vamos fazer um sperm da lista de cheiradores de pó e da gravação e mandar pra todos os emails do planeta. Vai ser bom para eles largarem o vício e a hipocrisia.

— Sperm? Isto é o que sai do seu pinta. You mean spam.

— Sperm, spam, mesma coisa.

Temos que ejacular esses caras de pau.

— Good idea. Buena idéia.

Specially porque ninguém vai saber quien foi. Se non perde my emprego.

— Manda bala. Temos um computador pentium dois último tipo com conexão de 26 kbps. Alta tecnologia — disse Superal.

— Que merdo. Eu vai para um cyber café. Nobody me descobrir.

— Eu vou tomar um café enquanto você manda chumbo cibernético — disse Boni.

## CAPÍTULO 13

No dia seguinte, em um cyber-café Steve trabalhava no computador, enquanto Boni, agora na versão Jaiminho Samba, conversava com uma cyber atendente fofinha.

— Não têm café? Mais isso não é um cyber-café? — perguntou Jaiminho.

— É. Mas não têm o café, só o cyber — disse a cyber atendente.

— Então me vê um suco de

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)



melância com maracujá. E um pastel de queijo.

— Não tem nenhum suco.

Quanto mais de melância com sem lá o quê. E a gente não vende nenhuma esponja de gordura.

— Então tem o quê?

— Coca. E chiclete.

— Cocaína?

— Coca-cola, claro. Qué ou não qué?

— Quero. Pindura duas.

— Pindura? Isso aqui não é butiquim de favela.

— Que isso, fofinha. Tá me chamando de favelado? — perguntou charmosamente Jaiminho.

— Tô. Mas não é ofensa.

— Ah bom. Tenho muito orgulho do meu barraco. Têm até ar condicionado.

— Têm energia lá em cima?

— Tê não tem. Mas o pessoal faz gato da rua. E eu faço gato deles. É uma rede de gato.

— Tem água e esgoto?

— Tê não têm. Mas o pessoal faz gato da rua. E eu faço gato deles. É uma rede de gato. Qué morá comigo?

— Não obrigada. Eu moro com a minha mãe em Copacabana.

— Pois então, ela vai adorar. Fala pra ela. "Mãe vou morar na favela com meu namorado."

— Você não é meu namorado. Você tem dinheiro ou não têm?

— Stivi! Goti monei?

Sem tirar o olho da tela Steve tirou uma nota, embolou e jogou para o Jaiminho.

— O seu amigo é um gato. Dá onde ele é? — perguntou a cyber atendente.

— Da África do Sul. Ele está fazendo tratamento para AIDS aqui no Brasil. Parece que é mais barato que lá. Ele tá mandando um email pra mulher dele. Coitado passou a AIDS pra mulher e pros dois filhos — explicou Jaiminho.

— Ai que horror. Quer dizer... Coitado.

— Eu tô dando um tur da citi maravilhosa pra ele com vinte por cento de desconto — completou Jaiminho, enquanto Steve trabalhava freneticamente no computador e conectou um aparelho.

— O que ele tá fazendo? Parece complicado — disse a cyber atendente.

— Ele e a mulher são fissurados em computador. Eu gosto de ver gente de carne osso. Olhar pra você vale mais que duas horas olhando mulher pelada na Internet.

— disse Jaiminho.

— ...Você é guia turístico, então.

— Nos fins de semana, eu caço tubarão a faca. Um pouco de perigo faz bem a saúde.

— Eu quero ser atriz de novela.

— Eu tô pensando em escrever uma peça de teatro.

— Que legal. Você gosta de escrever?

— Eu já aprendi a lê. Só falta escrevê e o entendê palavra difícil.

— Você é analfabeto? E quer escrever peça de teatro?

— Eu só tava brincando. Sou alfabetizado desde os dezoito. O

mais fácil de aprender foi o xis. Eu aprendi jogando na lotto.

— Você pode ter uma carreira brilhante fazendo menu de lanchonete: x-burguer, x-bacon, x-tudo.

— Agora a fome bateu. Ô Stivi! como estamos indo?

— Fantastic! Fantástica. The email vai rodar la mundo toda.

— Êpa. Mandar spam daqui não pode.

Steve se levantou sorridente:

— No spam my darling. Só verdedades. Vamas comemorar com uma rodízia de churrasca.

— Grande pedida. Quer vir fofinha?

— Sou vegetariana. E tenho que trabalhar até as cinco.

## CAPÍTULO 14

Mais tarde, numa churrascaria, Steve era todo sorriso quando o garçom cortou uma lasquinha de alcatra:

— Maravilho.

Jaiminho fez um sanduíche de alcatra com um pão de queijo.

Eis que entrou na churrascaria o Robinho Cocada com toda sua família: mãe, tia, tio, sobrinhos e companhia.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

Jaiminho tentou esconder debaixo da mesa, mas foi tarde demais.

Robinho viu Steve e encarou, pau da vida, mas dois sobrinhos puxaram ele pela mão.

Steve acenou degustando um galeto com a mão. Jaiminho saiu de baixo da mesa e olhou através de um furo num guardanapo:

— Vamô caí fora, que ele tá chamando a turma no celular.

Robinho falava no celular olhando ameaçadoramente enquanto um garçom serviu uma cervejinha.

Jaiminho puxou Steve pelo braço enquanto ele tentava pegar uma lasca de contra-filé.

Ramirez e Fumanchu entraram na churrascaria.

Jaiminho e Steve fugiram pela cozinha.

Momentos depois, numa rua comercial movimentada, Jaiminho e Steve, cada um com um espeto de carne, corriam pela rua.

Ramirez e Fumanchu perseguiam beliscando numa cestinha de pão de queijo.

Jaiminho e Steve correram em direção a um ponto de taxi.

Ramirez e Fumanchu sacaram suas armas e mandaram bala.

Jaiminho e Steve entraram num taxi.

Dentro do taxi, Digão se voltou para os novos clientes com um sorriso mas tomou um susto:

— Vocês de novo! Vão caindo fora.

Uma bala estourou no vidro lateral.

— Pisa fundo se quisé ficá vivo — avisou Jaiminho.



Digão arrancou e acelerou  
tresloucado.

Na rua, Ramirez e Fumanchu  
perderam o fôlego.

Steve deu tchauzinho pros dois.

— Good job. Bunda trabalho —  
disse Steve pro Digão.

— Agora vocês vão ter que pagar  
todas as corridas com juros, multa e  
correção monetária.

Steve tirou algumas notas de cem  
dólares e deu pro Digão que abriu  
um sorriso.

— Sastisfeita?

— Agora sim. Letis roqui em rou!  
Pra onde?

— Pro muro ou árvore mais  
próximo. Tenho que dar uma mijada  
— disse Jaiminho.

## CAPÍTULO 15

Em frente a Casa Branca, manifestantes exigiam a renúncia do presidente com cartazes: "O Presidente é Louco e Drogado!"; "Impeachment Já!".

No banheiro da Casa Branca, o presidente americano, sentado na privada, deu uma fungada na bunda de uma Garbie.

Ele limpou a bunda, deu descarga, levantou a calça e escondeu a Garbie atrás da privada, enrolando-a numa

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

revista de sacanagem: "Lésbicas Dominatrix".

Minutos depois, no escritório, ele ajustou a camisa pra dentro da calça e puxou a cueca de dentro da bunda. Num painel havia um título: "Países Otários do Terceiro Mundo". E três subtítulos: "Para Invadir"; "Para Golpe de Estado"; "Para Imprimir Dinheiro e Emprestar".

Ele se sentou atrás da mesa, penteou o cabelo cuspindo num pente, apertou um interfone e disse que estava pronto.

Assistentes e técnicos de televisão entraram na sala e prepararam o equipamento para um pronunciamento televisivo.

Maqueadores trabalhavam no presidente quando um assistente sinalizou uma contagem regressiva de cinco segundos... e vai.

O presidente sorriu amarelo e começou a falar dizendo em inglês com um título na tela que dizia ser ao vivo:

— Meus concidadãos americanos, eu estou aqui hoje... quero dizer amanhã. Corta".

Um assistente sinalizou uma contagem regressiva de cinco segundos... e vai.

— Meus concidadãos americanos, eu estou aqui hoje não só para negar as falsas acusações contra mim, mas para lembrar a falta de patriotismo dos meus acusadores mentirosos que inventam estas mentirosas mentiras no momento em que o nosso país enfrenta uma grande ameaça. O presidente Mutola Mutombu, de Zamzabi, é um ditador que tem que ser detido, antes que seja tarde. Ele está criando uma abelha africana

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

geneticamente modificada que pode espalhar terror e morte através desta grande nação se uma abelha rainha conseguir penetrar nossas defesas. Nós não podemos correr este risco. Nós precisamos lidar com esta ameaça agora e ajudar o povo Zamzebense a construir um país próspero e democrático onde eles possam se beneficiar das reservas de petróleo descobertas recentemente.

Enquanto isso no Palácio do Planalto a bandeira brasileira balançava ao vento.

Lá dentro, o presidente brasileiro, com a faixa presidencial, portando uma imensa bunda flácida e mole, correu, com um guardanapo na lapela e um garfo na mão, para atender um telefone azul e vermelho com uma plaqueta "Casa Branca":

— Rau du iu du... Iéssi... Iéssi...  
Iéssi... Iéssi... Iéssi... Iéssi... Iéssi...  
Preciso de "dinheirou emprestadou."  
"Monei."

Longe dali, em frente a um buteco, Boni e Steve desceram do táxi. O Digão também saiu do carro:

— Esse buteco é muito derrubado. Se vocês quiserem levo vocês pra uma boate de stripitise.

— Obrigado pela interessante proposta, mas estamos trabalhando. Você está dispensado — disse Boni.

Digão encarou Boni e falou com o Steve:

— Esse cara se parece com aquele outro amigo seu favelado. Parece até irmão gêmeo.

— O outro era uma clone. Estamos in el ramo de genetic research. Pesquisa genéutica.

Digão fez cara de que não entendeu nada mas deu um até logo e se mandou.

Steve seguiu Boni até o fundo do buteco. Eles entraram por uma porta decaída e desceram uma escada escura.

No seu escritório do QG, Superal lia uma Playboy com os pés em cima da mesa.

Boni e Steve entraram e tropeçaram num balde de água suja.

— Ô Das Dores! Você esqueceu o balde — gritou Superal.

Boni se agarrou em Steve para tentar se levantar. Os dois escorregaram e foram pro chão de novo.

— Esta faxineira nova não é muito boa de serviço — reclamou Boni.

— Pelo menos ela tenta trabalhar. E vocês? Pegaram o Robinho?

— He quase pegar us — disse Steve.

— Estou de saco cheio desse Robinho. Pode preparar a cela dele — disse Boni.

— Temas que armar uma armodilha — sugeriu Steve.

— Armadilha. Gudi idéia. Como? — perguntou Superal.

— Ele é religioso? — devolveu Boni.

Superal olhou numa pasta:

— Devoto de Nossa Senhora do sei lá o quê.

— A minha santa favorita.

— Que vamas do? — perguntou Steve.

A Das Dores, uma senhora baixinha, nordestina muito tranqüilina, entrou e pegou o balde:



— Ó chente, viche Maria, cês  
trupicaram no balde?

## CAPÍTULO 16

No morro do vai-quem-qué, era um dia ensolarado. Robinho passeava pelo morro e era recebido por sorrisos amarelos dos favelados. Ele entrou numa ruela e foi seguido. Jaiminho pôs uma máscara-meia calça.

Robinho se voltou e Jaiminho sacou uma arma:

— Chegou sua hora, Robinho. Dá adeus ao mundo.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

Robinho arregalou os olhos desesperado e tentou sacar sua arma.

Jaiminho atirou várias vezes e Robinho foi ao chão, olhou o seu peito ensanguentado e desmaiou.

Jaiminho sacou um celular:

— Acertei o pato. Acertei o pato.

Momentos depois em uma ambulância, Jaiminho abriu a camisa do Robinho suja de tinta vermelha e Steve retirou dois minidardos enterrados no peito:

— Bunda trabalho. Ele vai ficar desarcordada por uma ou dois horas.

— Coitado do infeliz. Não foi páreo pro Jaiminho, "dê quidi", o gatilho mais rápido da zona oeste.

— Ele vai ter a surpresa do seu vida quanda acordar-lo.

— Putis, o seu portuga é muito ruim.

— Estar aprendenda. Estar bueno por enquanta.

Momentos depois, Robinho estava deitado desacordado no centro de um galpão decorado com azul e nuvens celestes.

Ele abriu o olho, olhou em volta e tomou um susto quando viu sua camisa ensanguentada.

Robinho continuou olhando em volta assustado:

— Não é possível... Eu tô vivo. Vivinho.

Robinho bateu a mão no peito tentando confirmar se estava vivo.

Das Dores apareceu vestida de nossa senhora, a Santa Maria mãe de Deus:

— Não meu fio. Ocê morreu. Deus tenha piedade da sua alma.

Robinho, branco igual a um fantasma e de olho arregalado, não tirou o olho da Santa.

— ...Eu... Eu... Sou seu devoto.

— Eu sei. Falei com o homê aqui de cima, mas ele num qué deixá cê entrá meu fio. Ele mandou entregá sua alma pro coisa ruim. O demô. Cê fez muita coisa ruim, meu fio.

— Mas eu tô arrenpendido. Juro por Nossa Senhora... Juro pela Senhora. Eu... Só vendia uns bagulho... Matei uma meia duzia ou duas... Roubei um pouco... Mas fora isso...

— Falei com nosso pai todo poderoso. Falei que ele podia mandá ocê de volta pra consertá as coisa.

— Isso. Eu posso voltá? Eu faço qualquer coisa pra agradá o homê e a senhora. Tô arrenpendido.

— Mas você fez muita coisa ruim.

— E daí? Posso fazê muita coisa boa. Se a senhora me mandá de volta vou ajudar os garoto do morro, ajudo alejado, negô com Aidis, faço o escambau... Entrego meu dinheiro todo pro convento... de Nossa Senhora das Dores. Pelo amor de Deus mãezinha, me dá mais uma chance. Eu sempre achei que essa estória de céu e inferno era conversa fiada de padre.

— Vê o que eu posso fazê. Num posso agaranti nada.

— Isso minha mãezinha santa fais isso por mim e eu vô reza pra senhora e fazê o bem... Trepá pode? Quero dizê séquisso... Com todo respeito.

— Se fô com uma mulhé só pode. No máximo duas. Três já não posso

agarantir... — explicou Das Dores,  
mexendo na orelha.

— ...Vou casá — decidiu  
Robinho.

Dentro de uma salinha, Jaiminho e  
Steve estavam com um fone de  
ouvido e um microfone.

— Fecha essa matraca, Das Dores,  
que ele já tá na rede. Despacha ele  
de volta pra terra — disse Jaiminho  
no microfone.

Steve armou uma pistola com  
dardos tranquilizantes.

— Ele vai sleep e acordar no terra,  
deixo comiga — disse Steve ao sair  
da salinha.

## CAPÍTULO 17

No morro do Vai-Quem-Qué, um garoto melequento escavava o nariz enquanto ele encarava Robinho estirado no meio de uma ruela da favela.

Robinho aos poucos acordou, de repente tomou um susto e se levantou eufórico, passando a mão no peito:

— Eu tô vivo! Eu tô vivo!

Eufórico ele abraçou o garoto e pôs ele de garupa nos ombros.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)



— Quer um picolé?

— De chocolache? — perguntou o garoto melequento.

— Do que você quiser.

Robinho acenou pra outros garotos de rua.

Minutos depois, em frente a um mercadinho, Robinho, sentado na calçada, chupava um picolé cercado de garotos pobres cada um com dois picolés, um em cada mão.

— Picolé é uma delícia e o maior barato. É ou não é?

— É! — responderam os garotos.

— Estou pensando em montar uma fábrica-escola de picolé, sorvete, chocolate e o escambau! Vocês querem trabalhar e estudar lá?

— Queremos!

Enquanto isso no QG, Superal jogava Ping Pong com Zé Boy. Boni e Steve entram sorridentes e trocando empurrões camaradas.

— O Robinho Cocada, no más. Pindurou as chuteiras. Até parece o Papai Noel do morro do Vai-quem-qué — disse Boni.

— Grande trabalho, garotos. Dei um aumento pra Das Dores — elogiou Superal.

— Ter recado do meu people? — perguntou Steve.

— Eles estão paus da vida. Querem você de volta o quanto antes — respondeu Superal.

— Eu e o Stivi, vamos pegar umas ondas com a Vanda e a Gilvana.

— Estou apeixonada. Vanda... Que gostosura...

Boni pegou quatro pranchas de body board num armário.

— Uma é minha — avisou Zé Boy.

— Fui eu que te dei. Estou pegando emprestado.

— Mas eu vou usar.

— Então eu estou confiscando de volta.

Steve e Boni saíram carregando as pranchas. Superal deu uma cortada e ganhou o ponto no ping pong.

— Agora você me deve cem pila — disse Superal.

— A minha prancha que o Boni levou é sua — disse Zé Boy.

## CAPÍTULO 18

O dia estava lindo quando Boni, Gilvana, Steve e Vanda chegaram a praia com pranchas de Body Board.

— Eu não sei surfar gente — disse Gilvana.

— Nem eu. Mas surfar não tem que saber, é só surfar — explicou Boni.

— Você vai e vai indo. Quando você viu que foi, você continua fundo — acrescentou Vanda.

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](http://www.democraciadireta.org)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)

— Não entendeu nada, mas  
the water looks great — disse Steve  
roubando a prancha de Boni. Ele  
jogou ela pra trás, puxou Vanda pela  
mão e correu pra água.

Boni e Gilvana correram atrás e  
eles pularam na água.

Uma onda atropelou os quatro de  
frente.

Boni tentou se levantar:

— Perdi meu calção.

Gilvana tirou seu biquini e jogou  
pra praia:

— Também perdi meu biquini.

— Surfar pelada. Que barato. Tira  
o seu também Tivinho — disse  
Vanda tirando seu biquini e jogando  
pro Steve. Ele pôs dentro do seu  
calção fez uma bola e jogou pra  
praia.

Boni, Gilvana, Steve e Vanda pegaram ondas, com Body Board, pelados ao por do sol ao som da música tema: uma bossa nova que vira samba: "Não morri hoje, talvez amanhã, quem sabe outro dia".

Fim.

Livro Patrocinado Gratuito

COPYRIGHT 2003 ALEX NAPOLI  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
SCRIPTSURFER ENTERTAINMENT  
WWW.SCRIPTSURFER.COM

[Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo](#)

[www.democraciadireta.org](http://www.democraciadireta.org)

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

[www.PraiaSurfClub.com](http://www.PraiaSurfClub.com)